

Editoras se especializam em publicar livros de memórias pessoais, familiares e de empresas

Movimento é visto como valorização do lado humano e do papel do cotidiano na história

Walter Sebastião – EM Cultura



Foto: Maria Tereza Correia

Marina Camisasca, do Escritório de Histórias, diz que vontade de publicar não é vaidade, mas desejo de transmitir a memória.

O cantor e compositor Samuel Rosa, do Skank, está publicando os escritos do pai, Wolber Alvarenga. Maria da Conceição Bias Fortes fez reuniões familiares e, a partir delas, escreveu *Jantando com meus filhos*. Os filhos do casal Flávio e Hilda encomendaram e publicaram livro sobre os pais. Fátima Quintão escreveu autobiografia romanceada com o título *Confissões de uma mulher de 40*. Norma Luzia de Lima Pompeu, ao terminar um relacionamento conturbado, fez do assunto o tema do livro *Pipocas*. O álbum *Ô fim dos cem, fim...*, traz páginas de cadernos de Paulo Marques de Oliveira. Flávia Lafeté publicou manuscritos da avó, Marília César Lafeté, no livro *Lila, de mar e ilhas*.

Todos esses livros retratam uma tendência em expansão: puxar o fio da memória – de pessoas, empresas, cidades – com relatos, biografias, histórias e testemunhos. Os volumes circulam entre amigos, parentes, conhecidos e, às vezes, foram criados como presente para o retratado no

texto.

A historiadora Marina Mesquita Camisasca, da Escritório de Histórias, conta que a editora já realizou diversos trabalhos com memórias pessoais, familiares, de empresas, cidades etc. Há quem chegue com o livro pronto, mas também quem contrate a empresa para fazer tudo, da pesquisa à redação, passando pelo trabalho de edição. Como ninguém existe isoladamente e “nem está à frente de seu tempo”, procura-se, ao fazer a obra, relacionar a vida dos biografados ao seu tempo e momento histórico, no Brasil e no mundo. “Há interesse cada vez maior das pessoas pelo resgate da história. Não é vaidade, mas desejo de transmitir um depoimento às gerações futuras”, observa. Marina elogia a iniciativa, já que os volumes acabam transcendendo o ambiente familiar e se tornando matéria de estudo para as ciências humanas.

Como os projetos são produto das mais diversas iniciativas – do cuidado da empresa com a construção da sua imagem até efemérides familiares ou institucionais –, cada livro é diferente do outro, tem perfil próprio e cobra pesquisa específica. O Escritório de Histórias já foi chamado por empresas também para criar arquivos e centros de documentação e memória. A expansão desse tipo de publicação, para Marina Mesquita Camisasca, enfatiza algo que sempre existiu, “o interesse por biografias e por história”. Mas de nova forma: não mais restrito aos grandes nomes e aos famosos. “A história antiga era muito relacionada a esses aspectos e esqueceu-se do homem comum”, afirma. “Hoje, vemos surgir uma história feita por todos”, observa, contando que são livros ricos na apresentação do cotidiano.

Dor e alegria Para Rachel Kopit Cunha, da Oficina de Arte&Prosa, na origem dos livros de memórias está a vontade de deixar uma marca de vida. “E de dividir alegrias e dores com os outros”, acrescenta. São volumes que atraem os imediatamente próximos do autor. Parentes e amigos, especialmente, e despertando a vontade neles de fazer algo com o mesmo perfil. E assim a onda vai se expandindo. “Quando é feito com intenção de ser presente para alguém, é, no mínimo, um presente original e único”, elogia. “São livros que contribuem para a autoestima do autor, já que ele é soberano com relação ao que vai ser publicado”, explica. Geralmente, as pessoas trazem o volume pronto e o trabalho é de revisão e, se for o caso, de redação da orelha e contracapa. “Sinto que a pessoa, quando se propõe a publicar um relato pessoal, procura ser sincera, não fica bordando a verdade. O que traz sabor especial aos textos”, observa Rachel Kopit.

“Fazer um livro deixou de ser algo inatingível. Então, é possível publicar obra que seja homenagem, tirar textos da gaveta e recuperar memórias familiares. Acho que quanto mais desejos de publicação forem cultivados, melhor. Não pode é ter a ilusão que vai ter retorno financeiro grande”, argumenta Marina Acúrcio, da Vereda Editora, que vem editando os textos de Wolber Alvarenga. “Além disso, a internet fomentou desejo de escrita, as pessoas estão escrevendo mais”, acrescenta.

Para a editora, trata-se de publicação que vem carregada de afeto: “É o reconhecimento da voz de quem escreveu e a realização de um desejo”. E uma atitude de preservação. “Memórias, inéditos, relatos, histórias e originais são coisas que se a gente não reúne não publica, acabam se perdendo. Transformar em livro é uma forma de imortalizar”, conclui Marina Acúrcio.

Palavra de especialista

Maria Antonieta Pereira Professora de literatura

Em nome da memória

Talvez esteja existindo um movimento memorialístico. Estamos no olho de um furacão tecnológico, as ideias de tempo e lugar estão sendo modificadas, tudo muda rápido, é descartável e, talvez, a sociedade esteja fazendo movimento em sentido contrário, de preservação da memória cultural, social e familiar. E nesse sentido, é movimento positivo. Memória é importante para o indivíduo e a coletividade. Sem ela perdemos as conquistas espirituais e culturais da humanidade. Quem decide escrever uma biografia, a história de alguém, não deve ficar preocupado em ser realista, mas em explorar as memórias pessoais.

É difícil ser fiel ao acontecido; a memória é traidora. É preciso procurar fazer um texto bem escrito, inclusive explorando os recursos ficcionais.